



SANTO E GRANDE
CONCÍLIO DA IGREJA
ORTODOXA

CRETA (Grécia), 19 a 26 de junho de 2016

«A todos Ele chama à unidade»

A IMPORTÂNCIA DO JEJUM
E A SUA OBSERVÂNCIA HOJE

1. O jejum é um mandamento divino (Gn 2,16-17).

De acordo com São Basílio, o jejum «é tão antigo quanto a humanidade, pois foi estabelecido no paraíso» (*De jejunio*, 1.3. PG 31, 168A). Constitui um grande combate espiritual e a melhor expressão do ideal ascético da ortodoxia. A Igreja Ortodoxa, conformando-se fielmente às disposições apostólicas, aos cânones conciliares e ao conjunto da tradição patrística, sempre proclamou o grande valor do jejum para a vida espiritual do homem e para a sua salvação. Ao longo do ano litúrgico, a Igreja exalta a tradição e o ensinamento patrísticos sobre o jejum, necessário para tornar o homem incessantemente vigilante, sem desfalecê-lo, bem como, para suscitar o ardor no combate espiritual. O jejum é exaltado no *Triódion* como dom divino, graça plena de luz, arma invencível, fundamento dos combates espirituais, melhor caminho para o bem, alimento da alma, ajuda concedida por Deus, fonte de toda meditação, imitação de uma vida imperecível similar a dos anjos, mãe de todos os bens e de todas as virtudes.

2. O jejum, como uma instituição muito antiga, já se encontra no Antigo Testamento (Dt 9,18; Is 58,41); Jl 2,15; Jon 3,57) e se afirma no Novo Testamento. Antes de iniciar sua missão no mundo, o próprio Senhor jejuou durante quarenta dias (Lc 4.12) e deixou-nos instruções acerca da prática do jejum (Mt 6,16-18).

No Novo Testamento, de um modo geral, o jejum é descrito como um meio de abstinência, de arrependimento e de elevação espiritual (*Mc* 1,6; *At* 13,2; 14,23; *Rm* 14,21). Já desde os tempos dos Apóstolos, a Igreja proclamou a importância do jejum e definiu a quarta-feira e a sexta-feira como dias de jejum (*Did.* 8.1), bem como o jejum que precede a festa da Páscoa (Ireneu, em: *Eusébio, história eclesiástica* 5,24. PG 20, 497B508AB).

Certamente, na prática eclesiástica adotada durante séculos, houve uma diversidade, não apenas em relação à duração do jejum pascal (Dionísio de Alexandria, *Epist. ad Episc. Basilidem*, PG 10,1277), mas também no que se refere à quantidade e conteúdo dos outros períodos de jejum, adotados sob a influência de diversos fatores, principalmente, litúrgicos e monásticos, a fim de preparar melhor os fiéis antes das celebrações das grandes festas. Assim, o jejum é inseparável do culto. Este vínculo mostra a natureza e o objetivo do jejum e destaca o seu caráter espiritual, motivo pelo qual os fiéis são chamados a conformar-se, cada um segundo suas próprias forças e possibilidades, sem por isso ter a liberdade de depreciar esta instituição sagrada: «Cuida para que ninguém se afaste deste caminho, deste ensinamento. [...] se puderes suportar todo o jugo do Senhor, serás perfeito. No que se refere ao jejum, suporta de acordo com as tuas forças... (*Did.* 6,13).

3. O verdadeiro jejum, enquanto luta espiritual, está vinculado à oração incessante e ao arrependimento sincero. «Arrependimento sem jejum é inútil» (Basílio, o Grande, *De jejunio*, 1,3. PG 31, 168A) e, da mesma forma, jejum sem boas ações é nulo; especialmente em nossos tempos, em que a distribuição desigual e injusta dos bens chega até mesmo a privar povos inteiros de seu pão de cada dia.

«Irmãos, ao jejuar corporalmente, jejuemos também em espírito; desatemos toda cadeia de iniquidade, rompamos as ataduras de nossas violentas paixões; desgarremos de todo injusto combate; demos pão aos famintos e acolhamos os que estão sem abrigo» (*Sticheron* da quarta-feira da 1ª semana da Grande Quaresma. Cf. *Is* 58,67).

Jejuar não significa abster-se simplesmente de certos alimentos. «A abstinência de certos alimentos não é suficiente por si só para tornar louvável o jejum; pratiquemos um jejum aceitável a Deus, que lhe seja agradável. O verdadeiro jejum consiste em desfazer-se do mal, conter a língua, abster-se de entrar em cólera, afastar-se dos desejos, da calúnia, da mentira, do perjúrio. A privação de tudo isto é o verdadeiro jejum. Graças a tudo isto é que o jejum é uma coisa boa» (Basílio, o Grande, *De jejunio*, 2,7. PG 31, 196 D).

A abstinência de certos alimentos e a frugalidade quanto ao tipo de alimento ou a quantidade constituem os elementos visíveis do combate espiritual que é o jejum. «O jejum, como o próprio termo indica, significa abstinência de alimento, mas não é o alimento que nos torna mais ou menos justos ou injustos. O jejum tem uma significação profunda: assim como o alimento é o símbolo da vida, e a abstinência de alimentos é o símbolo da morte, do mesmo modo nós, os seres humanos, devemos jejuar no sentido de morrermos para este mundo e, depois disto, tendo recebido o alimento divino, viver em Deus (Clemente de Alexandria, *Eclogae*, PG 9,704D705A).

Assim, o verdadeiro jejum diz respeito ao conjunto da vida dos fiéis em Cristo e encontra seu apogeu em sua participação na vida litúrgica, sobretudo no sacramento da Santa Eucaristia.

4. O jejum de quarenta dias do Senhor tornou-se o exemplo daquele que os fiéis devem praticar. Torna ativa a participação em obediência ao Senhor para que através do jejum «possamos, pela obediência, receber os benefícios que havíamos perdido pela desobediência» (Gregório de Nacianzo, *Or. 45, In sanctum Pascha* 28, PG 36,661A). São Gregório Palamás resume de maneira significativa toda a tradição patrística, atribuindo ao caráter espiritual do jejum, sobretudo o da Grande Quaresma, um sentido cristocêntrico: «Pois se jejuas, não apenas sofrerás a paixão e morrerás com Cristo, mas resucitarás e reinarás

com Ele por toda a eternidade; pois, fazendo-te um com Ele na participação e na semelhança de sua morte, participarás na ressurreição e serás herdeiro da vida n'Ele» (*Or. 13, in quinta jej. Dom., PG 151,161*).

5. De acordo com a tradição ortodoxa, a medida da perfeição espiritual é «a medida da plenitude de Cristo» (*Ef 4,13*), e cada um deve, se deseja alcançá-la, elevar-se. Esta é a razão pela qual a ascese e a luta espiritual não acabam nunca nesta vida, tampouco, a perfeição dos perfeitos.

Todos são chamados a responder, de acordo com as suas próprias forças, às exigências desta alta medida para alcançar a divinização por graça. E, ainda que pratiquem todas as prescrições, não se envaneçam jamais, mas confessem: «Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer» (*Lc 17,10*). Ninguém deve abandonar, de acordo com a concepção ortodoxa de vida espiritual, o bom combate do jejum, mas entregar-se à misericórdia de Deus pelos seus pecados, plenamente consciente da mediocridade de sua situação e sempre bem-disposto a autocrítica. Pois é impossível aceder a vida espiritual ortodoxa sem o combate espiritual do jejum.

6. A Igreja Ortodoxa, como uma mãe amorosa, definiu o que convém para a salvação e situou os santos períodos de jejum como um «sinal de proteção» dado por Deus para salvaguardar a vida dos fiéis em Cristo contra as armadilhas do inimigo. Seguindo os passos dos santos Padres, preserva, como no passado, as prescrições apostólicas, os cânones conciliares e as santas tradições; propõe sempre os santos jejuns como o melhor caminho para o exercício dos fiéis em vista de alcançar a perfeição espiritual e a salvação; proclama a necessidade para os fiéis de respeitar ao longo do Ano do Senhor todos os jejuns prescritos: o da Grande Quaresma, a quarta-feira e a sexta-feira, atestados pelos sagrados cânones; o da Natividade (Natal); o dos Santos Apóstolos; o da Dormição da Theotokos; os jejuns diários da Exaltação do Santa Cruz; da vigília da Epifania; e o da Decapitação de São João, o Precursor, bem como aqueles propostos pelo cuidado pastoral ou livremente consentidos pelos fiéis.

7. No entanto, por clemência pastoral, a Igreja também fixou os limites da misericordiosa economia ao regime do jejum. Consequentemente, previu aplicar o princípio eclesiástico da economia em caso de enfermidade corporal, de uma necessidade imperativa ou da dificuldade dos tempos, de acordo com o discernimento e o cuidado pastoral episcopal das Igrejas locais.

8. É fato que hoje em dia um número determinado de fiéis, seja por negligência ou devido a diferentes condições de vida, não respeitam todas as prescrições sobre o jejum. Todos estes casos de não observância das prescrições sagradas a respeito do jejum, sejam gerais ou individuais, devem

ser tratados pela Igreja com cuidado pastoral, pois Deus «não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva» (cf. *Ez 33,11*), sem que o valor do jejum seja subestimado. Deixa, pois, às Igrejas Ortodoxas Locais, que fixem cada uma a medida da economia misericordiosa e da indulgência a ser aplicada, a fim de aliviar o «rigor» do santo jejum aos que têm dificuldades de respeitar tudo o que está prescrito sobre o mesmo, seja por motivos pessoais (enfermidades, serviço militar, condições de trabalho etc.), ou por motivos gerais (condições climáticas, dificuldades em encontrar certos alimentos secos etc.).

Isto será sempre feito no espírito e no contexto do que acima foi exposto e objetivando evitar o enfraquecimento da sagrada instituição do jejum. Esta clemência misericordiosa deve ser aplicada pela Igreja com grande circunspeção e, em especial, com mais indulgência em relação aos jejuns que a tradição e a prática da Igreja nem sempre são uniformes. «Jejuar todos os dias é um bem, mas aquele que jejua não deve menosprezar os que não jejuam». Nestes casos, não se pode legislar nem obrigar; tampouco, é conveniente conduzir pela força o rebanho confiado por Deus; há que se fazer uso da persuasão, da doçura e da boa palavra» (João Damasceno, *De sacris jejuniis* 3. PG 95,68B).

9. O jejum de três ou mais dias antes da sagrada comunhão fica a critério da piedade dos fiéis, segundo as palavras de São Nicodemos, o Hagiorita: «(...) Embora os santos cânones prescrevam jejum antes da comunhão, os que jejuam, inclusive por uma semana inteira, fazem bem» (*Comentário ao cânon 13 do VI Concílio Ecumênico*, Pedalion 307). No entanto, a assembleia dos fiéis deve observar os santos jejuns e a abstinência de alimentos a partir da meia-noite antes de receber o Santíssimo Sacramento. Tal é a expressão por excelência da identidade eclesial, bem como estar acostumados a jejuar como sinal de arrependimento; para a realização de uma promessa espiritual; pelo bom êxito de um objetivo sagrado; em períodos de tentação; para acompanhar uma súplica a Deus; antes do batismo (adultos); antes da ordenação; no caso de penitência; durante as peregrinações; e em outras situações semelhantes.

† **Bartolomeu de Constantinopla, presidente**

† **Theodoro II de Alexandria**

† **Theófilo III de Jerusalém**

† **Irineu da Sérvia**

† **Daniel da Romênia**

† **Chrysostomos de Chipre**

† **Ieronymos de Atenas e de toda a Grécia**

† **Sawas de Varsóvia e toda Polônia**

- † **Anastasios de Tirana e toda Albânia**
- † **Rastislav de Presov, das terras Checa e Eslováquia**

Delegação do Patriarcado Ecumênico

- † Lion de Karelia e toda Finlândia
- † Estevão de Tallinn e toda Estónia
- † João da sede maior de Pérgamo
- † Demetrio da sede maior da América
- † Agostinho da Alemanha
- † Irineu de Creta
- † Isaías de Denver
- † Aleixo de Atlanta
- † Santiago das Ilhas dos Príncipes
- † José Proeconeso
- † Meliton da Filadélfia
- † Emanuel de França
- † Nicetas de Dardanelos
- † Nicolau de Detroit
- † Gerásimo de São Francisco
- † Anfiloquio de Quisamo e Seleno
- † Ambrósio da Coreia
- † Máximo de Selibria
- † Anfiloquio de Adrianópolis
- † Calixto de Dioclea
- † Antônio de Hierápolis, líder dos ortodoxos ucranianos nos EUA
- † Job de Telmessos
- † João de Cariópolis, Líder do Exarcado patriarcal das paróquias ortodoxas de tradição russa na Europa ocidental
- † Gregório de Nissa, Líder dos carpatorutenos ortodoxos nos EUA

Delegação do Patriarcado de Alexandria

- † Gabriel da sede maior Leontópolis
- † Macario Nairobi
- † Jonas Kampala
- † Serafim do Zimbabwe e Angola
- † Alexandro de Nigéria
- † Teofilacto de Tripoli
- † Sergio do Cabo da Boa Esperança
- † Athanasios de Cirene
- † Aleixo de Cartago
- † Jerônimo de Muanza
- † Jorge de Guiné

- † Nicholas de Hermópolis
- † Demétrio de Irenópolis
- † Damasceno de Joanesburgo e Pretória
- † Narciso de Accra
- † Emanuel de Tolemaida
- † Gregório de Camarões
- † Nicodemos, Metropolita de Memphis
- † Melécio de Katanga
- † Pantaleão de Brazzaville e do Gabão
- † Inocente do Burundi e Ruanda
- † Crisóstomo de Moçambique
- † Neófito da Nieri e Quênia

Delegação do Patriarcado de Jerusalém

- † Benito Filadélfia
- † Aristarcos de Constantina
- † Teofilacto do Jordão
- † Nectario de Antidona
- † Filomeno de Pella

Delegação da Igreja da Sérvia

- † João de Ohrid e Skopje
- † Anfiloquio de Montenegro e do Litoral
- † Porfírio de Zagreb e Liubliana
- † Basílio de Sirmio
- † Luciano BudimljeNikšić
- † Longino de Nova Gračanica
- † Irineu de Bačka
- † Crisóstomo ZvornikTuzla
- † Justino de Žiča
- † Pacômio de Vranje
- † João de Šumadija
- † Ignácio de Braničevo
- † Fócio da Dalmácia
- † Atanásio de Biha Petrovac
- † Joancio de BudimljeNikšić
- † Gregório de Humerzegovina e do litoral
- † Milutino Valjevo
- † Máximo na América ocidental
- † Irineu na Austrália e Nova Zelândia
- † David de Kruševac
- † João de Pakrac e Eslavônia

- † André na Áustria e Suíça
- † Sergio em Frankfurt e Alemanha
- † Hilarião de Timok

Delegação da Igreja da Romênia

- † Teofano de Iasi, de Moldávia e Bucovina
- † Lorenzo de Sibiu e Transilvânia
- † André de Vad, Feleac, Cluj, Alba Julia, Crisana e Maramures
- † Irineu de Craiova e Oltenia
- † João de Timișoara e do Banat
- † José na Europa Ocidental e Meridional
- † Serafim na Alemanha e na Europa Central
- † Nifon de Targoviste
- † Irineu de Alba Julia
- † Joaquin Roman e Bacau
- † Casiano do Baixo Danúbio
- † Timothy de Arad
- † Nicolau na América
- † Sofrônios Oradea
- † Nicodemos de Strehaia e Severin
- † Bessarion de Tulcea
- † Petronio de Salaj
- † Silvano na Hungria
- † Silvano na Itália
- † Timothy em Espanha e Portugal
- † Macário no Norte da Europa
- † Barlaan de Ploesti, assistente Patriarcado
- † Emiliano de Lovistea, auxiliar do Arcebispado de Râmnic
- † João Cassiano Vikin, auxiliar do Arcebispado na América

Delegação da Igreja de Chipre

- † Jorge de Paphos
- † Crisóstomo de Quitión
- † Crisóstomo de Cirenia
- † Atanásio de Lemeso
- † Neófito de Morfo
- † Basílio de ConstânciaFamagusta
- † Nicéforo de Cico e Tileria
- † Isaías Tamaso e Orinia
- † Barnabé de Tremitunte e Leucara
- † Cristovão de Karpasia
- † Nectario de Arsinoe

- † Nicolau de Amathus
- † Epifanio de Ledra
- † Leôncio de Quitres
- † Porfirio de Neapolis
- † Gregório de Mesorea

Delegação da Igreja da Grécia

- † Procópio de Filipo, Neapolis e Taso
- † Crisóstomo de Peristerion
- † Germano de Elida
- † Alexandre de Mantinea e Cinuria
- † Ignácio de Arta
- † Damasceno de Didimotico, Orestias e Sufli
- † Aleixo de Nicéia
- † Hierotheus de Lepanto e San Blas
- † Eusebio de Samos e Icaria
- † Serafim de Castoria
- † Inácio de Demetrias e Calmiro
- † Nicodemos de Casandria
- † Efrem de Hidra, Espetses e Egina
- † Teólogo de Serres e Nigrita
- † Macário de Sederocastro
- † Antimo de Alexandrópolis
- † Barnabé de Neapolis e Staurópolis
- † Chrysostomos de Messinia
- † Atenágoras de Hélio, Acarnes e Petrópolis
- † João de Langada, Litis e Rentina
- † Gabriel de Nova Jonia e Filadélfia
- † Crisóstomo de Nicópolis e Preveza
- † Teocleto de Hieriso, Monte Athos e Ardamerion

Delegação da Igreja na Polônia

- † Simão de Lodz e Pozńan
- † Abel de Lublin e Chel
- † Santiago de Białstok e Gdańsk
- † Jorge de Siemiatycze
- † Paísio de Gorlice

Delegação da Igreja da Albânia

- † João de Korce
- † Demétrio Argirocastro

† Nicolau de Apolonia e Fier
† Antonio de Elbasan
† Natanael de Amandia
† Asti de Bylis

Delegação da Igreja das Terras Checa e Eslováquia

† Miguel de Praga
† Isaías Sumperk

† Jeremias da Suíça, chefe do Secretariado do Santo e Grande Concílio Pan-ortodoxo.

Tradução: Por Pe. André Sperandio
da versão em espanhol da Sacra Metrópole de Espanha e Portugal -
Patriarcado Ecumênico